



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 28/08/2020 a 03/09/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
28/08/2020	9,50	301,60	33,39	5,39	3,46
31/08/2020	9,51	304,60	32,96	5,44	3,48
01/09/2020	9,55	302,80	33,12	5,55	3,49
02/09/2020	9,62	302,30	33,67	5,47	3,49
03/09/2020	9,68	305,20	33,47	5,43	3,44
Média	9,57	303,30	33,32	5,46	3,47

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	128,00	
RS – Não Me Toque	128,00	
RS – Londrina	116,00	
PR – Cascavel	117,00	
MT – C.N.Parecis	119,00	
MS – Maracaju	132,00	CIF
GO - Rio Verde	114,00	
BA – L.E.Magalhães	125,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	60,00	CIF
Porto de Paranaguá	59,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	51,00	
SC – Rio do Sul	52,00	
PR – Cascavel	52,00	
PR – Londrina	48,00	
MT – C.N.Parecis	47,00	
MS – Maracaju	51,00	
SP – Itapetininga	58,00	
SP – Campinas	61,00	CIF
GO – Rio Verde	50,00	
GO – Jataí	50,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	58,00	
RS – Não Me Toque	57,00	
PR – Londrina	60,50	
PR – Cascavel	62,00	

Período: 02/09/2020

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 03/09/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	50,44	126,63	57,55

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
03/09/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	91,27
Feijão (saco 60 Kg)	222,06
Sorgo (saco 60 Kg)	37,67
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,09
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,85**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,21

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Agosto/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja e derivados em Chicago voltaram a subir nestes primeiros dias de setembro. O grão ultrapassou a marca dos US\$ 9,60/bushel, fechando a quinta-feira (03) em US\$ 9,68/bushel, contra US\$ 9,37 uma semana antes. A atual cotação não era vista desde o início de junho de 2018, portanto, há mais de dois anos. Já o farelo de soja voltou a ultrapassar a marca dos US\$ 300,00/tonelada curta, fechando a semana com o primeiro mês cotado em US\$ 305,20, algo que não era visto desde o início de abril passado. Por sua vez, o óleo voltou a se aproximar dos 34 centavos de dólar por libra-peso, fechando o dia 03/09 em 33,47 centavos, após atingir 33,67 centavos de dólar por libra-peso na véspera, algo que não ocorria desde o dia 10 de janeiro do corrente ano.

Dois são os principais motivos para este comportamento altista da soja, iniciado ainda em julho: as fortes especulações em relação ao clima nos EUA, na medida em que o momento da colheita se aproxima; e a crescente demanda chinesa por grãos em geral e soja em particular, a partir da recomposição de seus rebanhos suínos após a peste suína africana que por lá se abateu há dois anos.

No caso do clima, a taxa de lavouras entre boas a excelentes nos EUA voltou a recuar. Assim, até o dia 30/08 as mesmas atingiam a 66% do total, com recuo de três pontos percentuais em relação a semana anterior. Outras 24% estavam regulares e 10% ficavam entre ruins a muito ruins. Lembrando que a colheita estadunidense inicia no final deste mês de setembro de forma mais significativa.

Neste contexto, aumenta o interesse pelos números que virão no próximo relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 11 de setembro. Antecipando a este relatório, a consultoria privada StoneX, antiga INTL FCStone, reduziu a produtividade média esperada para esta safra, passando a mesma para 3.557 quilos/hectare (59,3 sacos/hectare), o que representa cerca de 1,5 saco a menos por hectare em relação ao indicado em agosto. Com isso, sua projeção para o total da safra estadunidense de soja recua para 119,4 milhões de toneladas, contra 122,3 milhões estimados em agosto.

Quanto às exportações, na semana encerrada em 27/08 os EUA embarcaram 804.591 toneladas de soja, ficando dentro do esperado pelo mercado. Em todo o ano comercial, 2019/20, que se encerrou em 31 de agosto, o volume atingia a 43,1 milhões de toneladas, sendo que uma parte importante havia sido para a China.

Já no Brasil, apesar de o câmbio ter recuado, com o Real atingindo valores ao redor de R\$ 5,35 por dólar em alguns momentos da semana, a alta em Chicago compensou boa parte deste movimento. Além disso, os prêmios se mantêm firmes nos portos brasileiros, puxados pela demanda chinesa, ao mesmo tempo em que a demanda interna continua presente. Com isso, os preços médios da soja nas diferentes praças nacionais voltaram a subir nestes primeiros dias de setembro. A média gaúcha no balcão ficou em R\$ 126,63/saco, enquanto no Paraná o produto se estabeleceu entre R\$ 116,00 e R\$ 117,00/saco. Já em Campo Novo do Parecis (MT), o mesmo chegou a R\$ 119,00, enquanto em Maracaju (MS) o valor CIF ficou em R\$ 132,00. Em Rio Verde (GO) a média fechou a semana em R\$ 114,00, enquanto em Luís Eduardo Magalhães (BA), o saco de soja ficou em R\$ 125,00.

Neste contexto, continua avançando a venda antecipada da nova safra, que apenas começa a ser semeada. Cerca de 55% da mesma já estaria vendida neste momento. Em regiões como o Mato Grosso, Goiás e Matopiba, o índice chega a 60%. Esta situação implica em alertar para o fato de que, ao chegar a colheita em 2021, o mercado estará com pouca disponibilidade para vendas pós-colheita. Aqueles produtores que colherem mais cedo encontrarão um mercado com preços firmes, mesmo que provavelmente mais baixos do que os atuais, onde os prêmios estarão ainda relativamente elevados. Nestas condições, o segundo semestre de 2021 poderá novamente repetir o quadro atualmente encontrado, desde que a demanda mundial mantenha o ritmo atual; que a demanda interna continue aquecida em biodiesel e em rações animais; e que o câmbio fique nos atuais níveis. Por enquanto, tudo isso ainda está longe de ser uma garantia, já que a volatilidade deste mercado tem sido muito grande nos últimos tempos.

Enfim, para 2020/21 espera-se que a produção brasileira atinja a 131 milhões de toneladas, sendo que 63% será exportado (83 milhões de toneladas), enquanto 45 milhões de toneladas sejam destinadas ao esmagamento interno (aumento de 1,6%). O consumo interno de farelo de soja poderá alcançar 18,5 milhões de toneladas, subindo 2,7% sobre o atual ano comercial, graças a grande demanda do setor das carnes. Já em óleo de soja o Brasil deverá produzir 8,64 milhões de toneladas, sendo que 88% será consumido no mercado interno, via alimento humano, setor químico e biodiesel.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago, após subirem levemente nesta semana, fecharam nos mesmos níveis da semana anterior, com o primeiro mês cotado fechando a quinta-feira (03) em US\$ 3,44/bushel, contra os mesmos US\$ 3,44 uma semana antes.

Mesmo com as condições das lavouras estadunidenses diminuindo de qualidade, em função dos recentes problemas climáticos no Meio Oeste dos EUA, as cotações têm se movimentado pouco se comparadas com a soja.

Dito isso, 62% das lavouras de milho nos EUA estavam então entre boas a excelentes até o dia 30/08, contra 64% na semana anterior. Outros 24% estavam regulares e 14% em condições entre ruins a muito ruins. Cerca de 63% das lavouras locais de milho estavam em fase de maturação no final de agosto, contra a média histórica de 56% para esta data.

Paralelamente, a consultoria privada StoneX, antiga INTL FCStone, reduziu a produtividade média esperada para esta safra, passando o milho para 11.276 quilos/hectare, ou seja, uma queda de quase três sacos/hectare em relação ao que havia sido indicado em agosto. Com isso, reduziu igualmente o volume estimado para a safra total de milho nos EUA, passando a mesma para 383,3 milhões de toneladas ante 389,3 milhões em agosto.

Por outro lado, os embarques estadunidenses de milho na semana anterior atingiram a 402.216 toneladas, ficando abaixo das projeções do mercado. Com isso, o acumulado no atual ano comercial que se encerrou em 31/08 atingia a 41,7 milhões de toneladas.

Diante da retomada de alta nos preços internacionais dos grãos, países como a China demonstram preocupação com a volta da inflação dos alimentos. A retomada de um consumo mais sustentado, após a Covid-19 estar mais controlada, é um dos motivos do atual movimento internacional.

No caso do milho especialmente, a China, depois de muitos anos, estaria na iminência de registrar escassez do produto em 2020/21 (ano comercial que se iniciou em 1º de setembro), a qual poderá gerar um déficit de 30 milhões de toneladas ou 10% da safra total do país. Isto explicaria a forte demanda chinesa igualmente pelo milho no mercado mundial nas últimas semanas. Na principal região produtora de grãos na China os preços do milho atingiram os melhores níveis dos últimos cinco anos no final de agosto (o equivalente a US\$ 297,00/tonelada, ou seja, uma alta de 27% desde o início do ano).

Aqui no Brasil, os preços do cereal continuaram firmes e com viés de alta. A média gaúcha no balcão fechou esta primeira semana de setembro em R\$ 50,44/saco, enquanto nas demais praças nacionais o milho registrou os seguintes valores: R\$ 52,00 no centro de Santa Catarina e na região oeste do Paraná; R\$ 48,00 na região de Londrina (PR); R\$ 47,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 51,00 em Maracaju (MS); R\$ 58,00 em Itapetininga (SP) e R\$ 61,00 no CIF Campinas (SP); além de R\$ 50,00/saco em Rio Verde e Jataí (GO). Neste quadro, vale destacar que o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (região de Campinas/SP) acumula um aumento de 20,8% em agosto (até o dia 28), fechando a R\$ 60,97/saco naquela data. Este é o maior valor nominal da série histórica do Cepea, iniciada em 2004.

A tendência, por enquanto, é de preços firmes já que os produtores da safrinha estão segurando as vendas do cereal, ao mesmo tempo em que o câmbio, apesar da valorização recente do Real, ainda estimula as exportações.

Todavia, se o Real continuar a se valorizar e romper o piso dos R\$ 5,00 por dólar, as exportações perdem competitividade e haverá mais oferta de milho no mercado interno. Isso tenderá a frear os preços, podendo trazê-los para níveis mais baixos no final do ano. Especialmente se a próxima safra de verão se mostrar positiva.

Além disso, um componente novo se faz presente no mercado nos últimos 10 dias. Com as geadas ocorridas nas regiões de produção de trigo, haverá um volume significativo de triguilho disponível para ração animal a partir deste mês de setembro, e pelo restante do ano já que a colheita do trigo se inicia no Paraná e logo mais avançará pelo Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esta concorrência do triguilho na ração animal forçará para baixo os preços do milho caso a exportação não der conta de escoar volumes acima de 30 milhões de toneladas no total do ano.

Neste sentido, nos 21 dias úteis do mês de agosto o Brasil exportou 6,5 milhões de toneladas de milho, com um aumento de 56% sobre o total embarcado em julho. Com isso, a média diária de embarques ficou em 308.815 toneladas, patamar 71% maior do que a média do mês passado. Entretanto, em comparação com o mesmo período do

ano passado, a média de exportações diárias ficou 7,2% menor. O preço da tonelada de milho está 4,9% abaixo da média obtida na exportação em agosto do ano passado. Será preciso manter este volume exportado nos próximos meses para segurar os preços internos do cereal nos atuais níveis.

Quanto à colheita da safrinha 2020, segundo Safras & Mercado, a mesma chegava a 94% da área no dia 28/08, contra 96% na média histórica para esta data. O Paraná teria colhido 88% até aquela data; São Paulo 86%; Mato Grosso do Sul 80% (a Famasul local aponta colheita de apenas 64% da área); e Minas Gerais 81%. Goiás e Mato Grosso já haviam encerrado a mesma.

No Mato Grosso, registra-se a segunda maior produtividade de milho safrinha da história do Estado, com 6.290 quilos/hectare ou 104,8 sacos/hectare. Lembrando que o Mato Grosso é o maior produtor de milho safrinha, colhendo cerca de 34 milhões de toneladas neste ano, sobre 5,4 milhões de hectares semeados (+11,2% sobre o plantio anterior).

No Paraná, enquanto a colheita da safrinha avança para o final, o plantio do milho de verão avançou para 9% da área esperada, esperando-se uma colheita de 3,4 milhões de toneladas, contra 11,8 milhões estimadas na atual segunda safra do cereal.

Enfim, no Mato Grosso do Sul a comercialização da safrinha chegava a 56% do volume total esperado. O preço médio deste milho em agosto ficou em R\$ 44,16/saco naquele Estado, representando um ganho nominal de 63,3% sobre igual momento do ano passado.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago subiram nesta semana inicial de setembro, tendo o bushel do cereal, para o primeiro mês cotado, atingido a US\$ 5,55 no dia 1º de setembro. Posteriormente o mesmo recuou, fechando a quinta-feira (03) em US\$ 5,43, contra US\$ 5,42 uma semana antes.

O mercado está sob influência do atraso na colheita estadunidense do trigo de primavera, após ter encerrado a do trigo de inverno. De fato, até o dia 30/08 o trigo de primavera estava colhido em 69% da área total, contra 77% na média histórica.

Por outro lado, as exportações estadunidenses de trigo caminham bem, tendo atingido a 516.131 toneladas na semana anterior, ficando dentro do esperado pelo mercado.

Espera-se, agora, o novo relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 11/09.

Na Argentina, a falta de chuvas em muitas regiões tritícolas continua causando preocupações, após as geadas e granizo que atingiram as mesmas. Também haverá quebra de safra no vizinho país, porém, a dimensão desta quebra ainda não está definida.

No Brasil, as fortes geadas do final de agosto causaram grandes perdas nos trigais do sul do país, as quais estão ainda sendo contabilizadas. No Rio Grande do Sul, a perda média estadual está agora previamente estimada entre 30% a 35%, sem falar na queda da qualidade do grão que sobra para ser colhido. No Estado gaúcho, até o dia 27/08, 60% das lavouras estavam em germinação, 31% em floração e 9% em enchimento de grão. (cf. Emater)

Os preços se mantêm em elevação, especialmente agora diante da confirmação de perdas nas lavouras desta safra nova. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 57,55/saco, enquanto no Paraná os preços subiram para níveis entre R\$ 60,50 e R\$ 62,00/saco. Já em Santa Catarina o valor do produto fechou a semana na média de R\$ 58,50/saco na região de Palma Sola.

Vale destacar que no Paraná cerca de 15,7% da safra de trigo, que começa a ser colhida neste mês de setembro, já foi vendida. A colheita neste Estado atingia a 3% da área total no dia 31/08, contra 12% na mesma época do ano passado. Espera-se que até o final de setembro o Paraná tenha colhido quase metade de sua área de trigo.